

FORNADA DO MILÊNIO

Xuxa proporciona noite de náuseas e calafrios

GERALD THOMAS
de Nova York

Confesso que, nesse tempo todo em que escrevo colunas para jornal, nunca tive uma noite tão cheia de náuseas, calafrios e depressões. Não me lembro de ter aberto e fechado o computador tantas vezes; não me lembro de querer jogar a toalha, ou de sentar no chão e ficar olhando para o teto por horas a fio, paralisado.

Nesses quatro anos, divididos

entre "O Globo" e a Folha, sempre tratei a coluna como uma espécie de diário em que me sentia livre e liberado para fazer os comentários mais pessoais possíveis, de onde quer que eu estivesse neste planeta, seja sobre o assunto que fosse.

Eu realmente tive muito prazer nesses anos, escrevendo sobre filmes de ação, movimentos de arte de vanguarda ou assuntos tão variáveis quanto a Royal Shakespeare Company ou uma pequena comunidade

turca encravada no meio de Mannheim, Alemanha.

Escrevi sobre coisas que me emocionavam, como a festa do Oscar, Renato Russo e até o processo de montagem de uma ópera num teatro qualquer da Europa. Escrevi também, muito a contragosto, sobre assuntos que me causavam repugnância, como os "talk shows", o julgamento de O.J. Simpson, o constrangedor crescimento da imprensa sensacionalista ou o comportamento imbecil da sociedade em lidar com assuntos "tabus" como sexo.

Mas escrevi também sobre o passado da minha família na Alemanha nazista ou sobre pequenos detalhes vistos aqui e ali, coisas rasas ou profundas, assuntos que podiam começar com uma pichação de um muro em Cracóvia (uma frase de "Fausto", de Goethe) e terminar num aeroporto na Ásia.

Sempre enxerguei a coluna como uma espécie de contraponto ao meu teatro, no qual me dou o direito de ser obsessivo, abstrato, metalinguístico, "ininteligível", como gostam de dizer algumas pessoas. Mas nenhuma noite foi como essa. Em nenhuma dessas noites (só escrevo à noite) consumi tantos antiácidos. Por quê?

Tudo começou há uns dez dias, quando uma repórter da Folha me ligou, pedindo que eu fizesse uma pergunta para Xuxa. Confesso que existem poucas coisas que me causam tanta repugnância como ela, seus programas, suas imbecis entrevistas, a estética nojenta e perigosamente nazista. Poucas coisas me causam tanto nojo quanto esse fenômeno Xuxa.

Como vivo em Nova York, tive o absoluto prazer de obser-

var o fracasso de sua tentativa de incursão no mundo televisivo daqui. Muito recentemente, cheguei a salivar de prazer quando ouvi detalhes sobre seu comportamento (que só pode ser descrito como anormal) na Disneylândia, ou quando ouvi uma descrição minuciosa do "fora" que levou de sua "ídola" máxima, a fantástica e inteligentíssima Madonna.

Eu equaciono Xuxa com um outro golpe baixo recente que o Brasil levou — e do qual ainda não se recuperou —, Fernando Collor. Minha pergunta para Xuxa tinha, como objetivo, pisar em um de seus calinhos (coitadinhos), e seu fracasso aqui nos EUA era perfeito.

Fiz a pergunta ("você sente rancor em só fazer sucesso em países subdesenvolvidos?"), mas nunca imaginei que, com a experiência que ela tem, fosse cair tão profundamente em contradições. Morri de rir ao ler sua resposta, desbaratinada, com a Marlene Mattos tentando oferecer-lhe "explicações" sobre a minha (aparentemente complexa) pergunta.

Essa Marlene Mattos, sim, é um fenômeno que deveria ser estudado pelos PhD em economia de Harvard ou por antropólogos darwinianos, em Bath, em pleno processo de reavaliação da teoria da evolução.

A atitude desbaratinada de Xuxa em responder a todas as perguntas é estranha mesma, pois, com algum tempo de experiência nesse "business", a gente vai aprendendo a lidar com essas situações consideradas "emboscadas" e (se existe QI pra tanto, é claro) acaba conseguindo reverter a nosso favor as perguntas perniciosas.

Ou, o que é melhor e mais re-

volucionário ainda, tenta-se ser honesto. Sim, tenta-se responder a essas "emboscadas" com humildade, honestidade. Isso não é possível em início de carreira, em que tudo tem de ser justificado, minuciosamente explicado, substanciado e orquestrado por uma espécie de "enciclopédia personalizada", um lugar reservado para preservar a nossa imagem de qualquer uma dessas perguntas perniciosas.

Mas, depois que o artista (qualquer artista, mesmo o "vigarista", como a Xuxa) alcança uma posição de destaque sólida, e, portanto, de certa forma imune aos ataques, o melhor a fazer é reconstruir um certo humor a respeito de si mesmo. E isso, além de ser generoso com o público, não é um ato tão difícil assim.

A não ser quando se tem culpa no cartório, como tantos ladrões e políticos e alguns artistas-empresários. Esses terão de passar o resto da vida se "defendendo" e jamais alcançarão a altura do seus ícones, que podem fazer ou dizer o que quiserem, que pouco importa. O exemplo mais imediato que me vem à cabeça é o de Michael Jackson, com igual fetiche infantil e praticamente tão racista quanto Xuxa, sempre envolto em situações inacreditáveis como plásticas, descoloração, casamentos, alegações de abuso sexual de menores etc.

Mesmo ele, que consegue chegar ao cúmulo da sofisticação cênica de chorar "on cue", ou seja, de deixar rolar uma única lágrima no preciso momento de uma música e efeito de luz (como são capazes os melhores atores), apareceu recentemente no programa de Oprah Win-

frey e confessou que não tinha mais a medida do exagero e que se sentia ridículo às vezes, quando assistia a vídeos de suas chegadas a aeroportos usando aquela máscara. Sua honestidade, como era previsível, não afetou um milímetro de sua popularidade. Claro, a sua arte é, apesar de todo o marketing, honesta.

Sei que essa "honestidade" é difícil, às vezes, mas tenho certeza de que Xuxa perdeu uma ótima oportunidade de, nesse momento em que se prepara para ter um filho, vir a público e revelar algumas de suas aflições pessoais, sem ser assessorada por aquele monstro que a construiu e ainda a possui (em todos os sentidos).

Se essa "honestidade" for difícil, é sempre bom refrescar a memória com alguns dados históricos. É bom lembrar quão nocivas foram as "mentiras oficiais" orquestradas pela ditadura militar brasileira e pelo regime nazista (tem certeza de que a Xuxa, do sul do Brasil, não é alemã?).

Em última instância, Xuxa deveria tentar se "enxergar" assim como é enxergada por muitos. Sua vulnerabilização não orquestrada, não pré-planejada, poderia lhe render ainda muito mais. Mas, quem sabe, a culpa e a malícia ali naquele "país das antimaravilhas" são tão predominantes que isso já não é possível. Pena.

Uau! Consegui escrever uma coluna sobre a Xuxa. Daqui a pouco, após mandá-la ao jornal, vou tentar esquecer o que escrevi, jogar um pouco de ozônio no ar e me refazer debaixo de um longo, longo banho.